Homero Pereira
Deputado federal (PSD-MT), presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA)

Não existe fraqueza política no setor produtivo

Por Paulo Roque

PRODUTOR RURAL, técnico agropecuário e economista, aos 57 anos de idade, o deputado federal Homero Pereira (PSD-MT) tem pouco mais de três décadas dedicadas à agropecuária. Considerado líder nato, inclusive por muitos de seus opositores, ele comandou importantes entidades: a Federação da Agricultura e Pecuária (Famato) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Atualmente, exerce os cargos de vice-presidente da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA) e presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e da Frente de Logística de Transportes e Armazenagem (Frenlog).

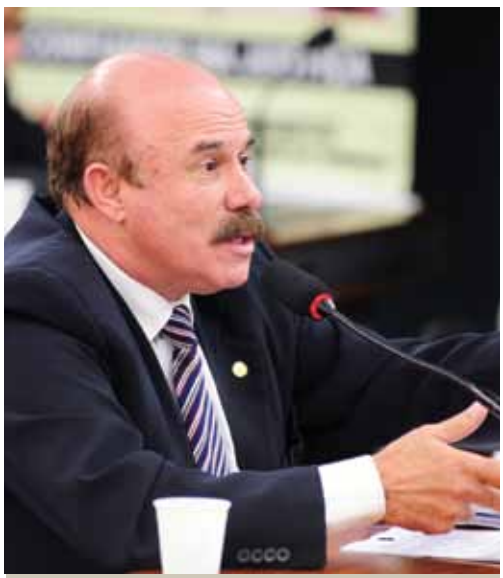
Após a morte do líder rural do Congresso Nacional, o senador mato-grossense Jonas Pinheiro (DEM), o deputado Homero tem sido constantemente mencionado como o seu substituto, muito embora ele não goste dessa comparação, porque acha que ninguém substitui ninguém.

Foi responsável por grandes manifestações, como o movimento Tratoraço, em 2005. Essa habilidade lançou-o na política mais por vontade do setor que ele representa do que por satisfação pessoal. Ele sempre diz: "a política não me envaidece, mas muito me enobrece".

Já no primeiro mandato, Homero Pereira conquistou espaço de destaque na Câmara dos Deputados, devido à sua habilidade em negociações importantes, como a do endividamento rural e o Código Florestal. É considerado moderado, sabe ouvir e tem um dom como ninguém para equilibrar os interesses divergentes entre os colegas.

Essas características elevaram-no por aclamação ao posto de presidente da FPA, uma das bancadas mais fortes e unidas do Congresso Nacional.

Nesta entrevista exclusiva à Agronalysis, o deputado fala sobre o Código Florestal, que, para ele, "não será o código dos sonhos", mas reflete o estágio democrático em que vivemos. A Rio+20 também é lembrada: "o Brasil pôde mostrar que é possível, sim, conviverem em harmonia produção e preservação; em outros termos, produzir com sustentabilidade". Ele faz questão de enfatizar que, mesmo com uma grande bancada ruralista no Congresso Nacional, não existe fraqueza política no setor, pois há representação, porém ainda falta, por parte de alguns representantes da sociedade brasileira, o merecido respeito ao trabalho do agricultor brasileiro. E lembra que, mesmo tendo algumas divergências pontuais, pode afirmar que a bancada que representa o setor produtivo rural é unida – tanto que alguns setores tentam enfraquecê-la, dividi-la.



GUSTAVO LIMA

"... cabe aos deputados e senadores, que representam o todo da sociedade brasileira, decidir quais rumos seguir"

> “... a nossa bancada é suprapartidária. É desejável, porém, que tenhamos um discurso mais afinado”

AGROANALYSIS A definição do Código Florestal parece uma sinfonia inacabada. Parece que cada vez mais frustra ambientalistas e setores produtivos?

HOMERO PEREIRA Sinceramente, não vejo por que a definição do Código Florestal seja uma sinfonia inacabada que frustre tanto ambientalistas, quanto produtores. Reconheço que não será um código dos sonhos, nem dos que se apresentam como defensores do meio ambiente, nem tampouco do setor produtivo rural. É importante ter em mente que a construção desta nova legislação reflete de forma muito evidente o estágio democrático em que vivemos. Hoje, todos os atores envolvidos neste debate sabem que o resultado de todo o processo em questão espelha a capacidade de ambos os lados em entender o posicionamento de seu representante. Uma coisa é certa: exercitou-se aqui, ao extremo, seja de que lado for, o múltiplo entendimento. Afinal, foram anos e anos de negociações.

AGROANALYSIS Falta Ciência para dar melhor sustentação às discussões do código?

PEREIRA De jeito nenhum. Posso-lhe afirmar que a Ciência foi ouvida e muito ouvida. É importante para isso lembrar as dezenas de audiências públicas externas organizadas pela comissão especial presidida pelo saudoso deputado Moacir Micheletto e que teve como relator o ilustre deputado Aldo Rebelo, hoje ministro dos Esportes, que produziu um brilhante relatório. Sem falar também nas outras dezenas de audiências públicas ocorridas dentro das dependências do Congresso Nacional, onde, na maioria das oportunidades, acompanhamos apresentações de diversos professores e pesquisadores. A Academia e a Embrapa foram ouvidas nessas discussões, assim como outras instituições.

Observo apenas que a queixa de alguns, na verdade, reflete a insatisfação daqueles que não foram capazes, diferente de tantos outros, de convencer os parlamentares de suas teses científicas. Na formulação de leis, é fundamental lembrar que cabe à Ciência subsidiar o parlamento, mas cabe aos deputados e senadores, que representam o todo da sociedade brasileira, decidir quais rumos seguir.

AGROANALYSIS Com relação à Rio+20, ficou a impressão da agropecuária ter desempenhado um papel importante?

PEREIRA Sim, na Conferência das Nações Unidas, foi possível verificar, de forma muito evidente, que a sociedade mundial percebe que a maioria dos problemas ambientais do planeta está nas zonas urbanas e não no meio rural, como muitos insistem em alastrar por aí. Estivemos presentes nesse evento e, lá, pudemos ver que, na verdade, o meio urbano começa a reconhecer no campo um grande aliado, não só na garantia da segurança alimentar, que o planeta precisa cada vez mais nestes tempos, como também na proteção do meio ambiente. Nosso sentimento é de que, na Rio+20, o Brasil pôde mostrar que é possível, sim, conviverem em harmonia produção e preservação; em outros termos, produzir com sustentabilidade.

AGROANALYSIS Apesar de pequena, houve uma articulação entre as cadeias produtivas para a Rio+20?

PEREIRA Houve. Talvez não na intensidade e na profundidade que se desejasse. Algumas reuniões foram promovidas pela Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) nesse sentido. Esses encontros ocorreram com as entidades parceiras e entre nós, parlamentares. As entidades representativas do setor produtivo rural debateram e se envolveram com o tema da conferência e, lá, algumas estiveram presentes, acompanhando os debates. A Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), por exemplo, montou um estande nas dependências do evento e seus líderes acompanharam de perto os posicionamentos, as sugestões e os debates ocorridos por lá.

AGROANALYSIS Será que a imagem e a percepção sobre o agronegócio são tão negativas pela sociedade brasileira?

PEREIRA Como disse anteriormente, vejo que a imagem negativa, tão comentada no passado, já começa a se inverter. Hoje, o cidadão urbano percebe que o produtor rural é antes de mais nada um cidadão como todo o brasileiro: chova ou faça sol, acorda cedo para trabalhar e toma para si, assim como cada um em seu ofício, a responsabilidade de fazer uma parte deste grande País, sendo a sua parte a de abdicar das vantagens da zona urbana, dessa dita qualidade de vida. Portanto, sem cinema, sem teatro, sem segurança, sem restaurante, sem asfalto, sem escola ou hospital perto, o agricultor realiza com muita satisfação a produção de fibras, proteínas, alimentos e energia, de modo a garantir que tudo funcione a partir do setor primeiro da economia. Entendo que essa percepção negativa pode ser mudada para uma percepção positiva com uma campanha institucional de marketing, mostrando para o consumidor que, se ele está comendo o pão, todos os dias, a carne, o feijão, o arroz, os legumes, as frutas, o

leite, é porque, em algum lugar deste Brasil, tem alguém plantando e colhendo. E esse alguém é o produtor rural, que deveria ser tratado com mais respeito e estima. Enfrentando tantas adversidades, esse é o nosso verdadeiro herói.

AGROANALYSIS Com uma grande bancada ruralista, pode-se dizer que o setor ressente-se de fraqueza política?

PEREIRA Fraqueza política? Não, o setor não se ressente de representação política, mas o que ainda nos falta é, sim, por parte de alguns representantes da sociedade brasileira, o merecido respeito ao trabalho do agricultor brasileiro. Mas que não pareça reclamação, pois temos certeza de que um dia seremos todos respeitados, independente de qualquer prejulgamento. Além da representação política propriamente dita, o setor produtivo rural é muito bem representado pelas entidades sindicais, cooperativistas, associações de classe, entre outras. Mesmo com algumas divergências pontuais, posso afirmar que a bancada que representa o setor produtivo rural é unida – tanto que alguns setores tentam enfraquecê-la, dividi-la. É bom lembrar que a nossa bancada é formada por diferentes partidos de diferentes ideologias, mas todos aqui temos um foco, qual seja, o de defender incondicionalmente o setor produtivo rural. Nesse aspecto, a nossa bancada é suprapartidária. É desejável, porém, que tenhamos um discurso mais afinado.

AGROANALYSIS Com diversos ministérios e secretarias envolvidos, a governança pública da agropecuária é confusa?

PEREIRA Entendo que existe sempre, em princípio, boa vontade por parte de quem participa dessa governança. Porém, ainda não se enxerga no País a disposição necessária para que exista uma verdadeira política agrícola, aquela que seria capaz de planejar o Brasil a longo, médio e curto prazo. O que tem existido, desde há muito tempo, são planos de curta duração, em ações imediatistas. No meu entender, está faltando aos formuladores de políticas públicas essa visão de futuro, uma visão mais prospectiva. Está faltando mais sinergia.

AGROANALYSIS Fala-se em código agroambiental para melhorar a ocupação e o uso do solo. Esse é o caminho?

PEREIRA Pode até ser, mas a ocupação do território nacional, mais do que depender de leis, depende da capacidade do produtor, e isso nós temos para dar e vender de sobra. Não se estabelece regras para o crescimento econômico de um país por meio de leis dissociadas da realidade, ou que sejam socialmente injustas, ou mesmo economicamente inviáveis de serem atendidas. Veja que a legislação ambiental brasileira dispõe, hoje, de aproximadamente 17 mil leis, entre decretos, portarias, normas, resoluções etc. e todas para dificultar e trazer aflição ao homem do campo, naquilo que se convencionou denominar de insegurança jurídica. O crescimento, ainda mais de um setor como o que produz alimentos (para o Brasil e o mundo), depende da necessidade da sociedade, seja ela de onde for.



GERARDO LAZZARI

> “... a ocupação do território nacional, mais que depender de leis, depende da capacidade do produtor, e isso nós temos para dar e vender de sobra”

AGROANALYSIS Como apresentar e cobrar estratégias do Governo para com o agronegócio?

PEREIRA Temos feito isso de forma sistêmica. E não é de hoje. Lamentamos apenas que, na maioria das vezes, ainda tenhamos que discutir ações remediadoras. Gostaríamos de cada vez mais estar debatendo aspectos propositivos, que possam, de forma antecipada, estabelecer parâmetros de crescimento em ritmo constante. Não me canso de dizer aos quatro cantos do País que o segmento mais exitoso da nossa economia é o setor da agropecuária. As estatísticas provam isso: crescimento da produção via produtividade, crescimento das exportações, crescimento na geração dos empregos, na renda e, por último, crescimento do PIB.

Por tudo isso, defendemos um programa nos moldes do Brasil Maior, aquele que foi destinado à indústria. Nessa história, será que somos o patinho grande e feio? Espero que, um dia, o setor produtivo rural seja considerado pelo governo federal o “cisne branco” da nossa economia, como na realidade o é. “Ah... se não fosse o setor da agropecuária!” ■